

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME IX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1970

DUAS NOTAS SOBRE LUCERNAS DA NECRÓPOLE ROMANA DE VALDOCA (ALJUSTREL)

1. SOBRE A LUCERNA DA SEPULTURA 356.

Em 1966, no volume V desta revista, J. e A. Alarcão publicaram o espólio da necrópole das minas romanas de Aljustrel.

A mais curiosa das lucernas desse espólio, encontrada na sepultura 356, tem o disco ornamentado com um cão adormecido. Descrevem-na assim os autores:

«Barro mole, pulverulento, com algumas areias, mas miúdas, amarelo-rosado, sem engobe.

Sobre o disco, um cão adormecido, enroscado, com a cabeça sobre as patas anteriores. Bico comprido. Dois cones invertidos na transição do disco para o bico. Asa perfurada e com três riscos longitudinais.

Fragmentada. Reconstituída com gesso.

Altura: 49 mm; comprimento sem asa: 134 mm.»

Acrescentaram os autores que não tinham encontrado paralelo para esta lucerna (1).

Em abono da verdade, deve dizer-se que ainda hoje não conhecemos outra lucerna precisamente igual a esta. Simplesmente chegaram-nos às mãos duas obras com exemplares semelhantes em bronze: a obra de David Gordon Mitten e Suzannah F. Doring, *Master*

(1) J. e A. Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoça (Aljustrel)», *Conimbriga*, vol. V (1966), p. 75 e Est. XXVI.

Bronzes from the Classical World (2) e a de Szentléleky sobre lucernas antigas da Hungria (3).

Trata-se, no primeiro caso, de uma lucerna de bronze, de base circular, bico com volutas, sem asa e no disco um galgo, adormecido, enroscado em volta de um cachorrinho com a cabeça apoiada sobre as patas anteriores. Comprimento: 172 mm (4).

O autor esclarece que esta lucerna deve ser proveniente de Alexandria e que pertence a um tipo de lucernas fabricadas em bronze ou em barro, durante a época dos Júlio-Cláudios, isto é, durante o século i d.C., mais propriamente até ao ano 60 d.C..

A lucerna publicada por Szentléleky tem um reservatório circular, um bico comprido com volutas muito rudimentares, o disco decorado com uma cadela enroscada, empurrando com uma das patas trazeiras um cãozinho de cabeça voltada para o bico da lucerna. Esta peça tem uma asa em arco de círculo, decorada com uma palmeta na raiz; a outra extremidade da asa não se liga ao disco, mas remata no ar, aberta como uma flor e seria tapada com um remate que desapareceu. Comprimento: 194 mm (5). O autor não data esta peça.

Também Jean Deneauve publicou recentemente uma lucerna de Cartago, esta de barro, decorada com um leão deitado sobre o disco como na lucerna de Aljustrel e pelo autor atribuída ao século m d.C. (6).

2. SOBRE O FABRICANTE L.I.R.

Na necrópole de Valdoca apareceram duas lucernas de barro acastanhado, disco liso e côncavo, margem sem ornamentação, bico em forma de cauda de peixe, decorado com duas volutas e entre elas uma folha; asa perfurada. Marca esgrafitada no fundo, antes da cozedura: L.I.R. (7).

(2) David Gordon Mitten-Suzannah F. Doeringer, *Master Bronzes from the Classical World*, Nova Iorque, The Fogg Art Museum, 1968.

(3) Tihamer Szentléleky, *Ancient Lamps*, Amsterdão, Adolf M. Hakkert, 1969.

(4) *Ob. cit.*, p. 298. Lucerna do Boston Museum of Fine Arts.

(5) *Ob. cit.*, n.º 283. Lucerna do Museum of Fine Arts de Budapeste.

(6) Jean Deneauve, *Lampes de Carthage*, Paris, Centre National de la Recherche Scientifique, 1969, n.º 1066.

(7) J. e A. Alarcão, «O espólio da necrópole luso-romana de Valdoca (Aljustrel)», *Conimbriga*, vol. V (1966), pp. 37 e 80.

Ora ao mesmo tempo Luzón publicou um grupo de vinte e seis lucernas de Riotinto semelhantes a estas e com a mesma marca (8).

As lucernas de Valdoca foram datadas do século i d.C. (9), enquanto Luzón, baseando-se nas moedas de António Pio e Marco Aurélio encontradas entre o espólio das minas de Riotinto, datou as lucernas, daí provenientes, dos meados do século n d.C. (10).

Interessa-nos, antes de mais nada, tentar resolver esta diferença de datação.

Em que se baseou Luzón para datar as lucernas de Riotinto dos meados do século n?

Começa por afirmar que se desconhecem as circunstâncias em que foram achados os vários exemplares, pois procedem de escavações desordenadas levadas a cabo pela companhia inglesa no ano de 1930, na zona de «Llano de los Tesoros» (11). E toma por base de datação as moedas de Marco Aurélio, António Pio e das Faustinas encontradas entre o espólio funerário da necrópole que tinha uma extensão de mais de dois quilómetros.

Repare-se que o autor não diz que as referidas moedas aparecem juntamente com as lucernas de marca L.I.R. Porque é que as data então do século n ? Além disso, ainda divide as lucernas em dois grupos, A e B. Ao primeiro atribui as de fabrico cuidado, cujas marcas, inscritas num círculo, se apresentavam em letra capital quadrada. Data-as dos finais do século i e princípios do século n.

No grupo B enquadra a grande maioria dos exemplares, que considera derivado do tipo A.

Talvez por um aumento de produção a que interessava mais a quantidade do que a qualidade, as lucernas foram fabricadas com pouco esmero. As marcas apareceram inscritas numa elipse terminada

(8) J. M. Luzón, «Lucernas mineras de Riotinto», *Archivo Español de Arqueología*, vol. 40 (1967), pp. 138-150.

(9) J. e A. Alarcão, *art. cit.*, pp. 26, 38 e 80 e Ferreira de Almeida, «Introdução no estudo das lucernas romanas em Portugal», *O Arqueólogo Português*, nova série, vol. II (1963), a propósito das lucernas n.ºs 119, 122, 253, 124, 248, 247 e provavelmente, as n.ºs 110 a 127, 247 a 254, 264 e 265.

(10) Luzón, *art. cit.*, p. 141.

(11) Luzón, *art. cit.*, p. 139.

em ponta com os caracteres, por vezes, a tender para a forma cursiva (12). O autor data-as dos meados do século n.

Note-se que no grupo A apenas foi descrita uma lucerna, o que toma ainda mais insustentável a separação dos tipos A e B e a datação do tipo A baseada no critério de perfeição.

Examinemos agora os materiais que acompanhavam as lucernas da mesma marca encontradas em Valdoca.

A lucerna da sepultura 353 é idêntica à da sepultura 118 e juntamente com esta apareceram dois potes que, pela forma e natureza da pasta, podemos datar do século i. Todavia, J. e A. Alarcão comparam estas lucernas à da sepultura 59 que classificaram dos tipos Dressel 10, Loeschke 1 e Paiol 2 b. Ora, Paiol data do reinado de Augusto o tipo 2 b; o tipo Loeschke 1 é do século i d.C. nas suas três variantes (A — até ao reinado de Tibério; B — primeira metade do século i e C — da segunda metade do século i). Esta lucerna de Valdoca caberia no subtipo B de Loeschke 1 e é portanto datável da primeira metade do século i (13). Deste modo podemos concluir que as lucernas com a marca L.I.R. poderão ser datadas da mesma época, e não do século n como pretende Luzon.

Quanto à marca L.I.R., que se saiba, a não ser nestes dois exemplares de Valdoca, não voltou a aparecer em Portugal. E fora do nosso País só temos notícia das lucernas mineiras de Riotinto e da que Luzón ainda refere existente no Museu Arqueológico de Madrid e em Campofia (14).

De assinalar que as lucernas deste tipo e com a mesma marca só têm aparecido em regiões mineiras, o que nos leva a crer que L.I.R. é um fabricante que produziu em quantidade para as minas.

Luzón situa o oleiro L.I.R. no sudoeste da Península Ibérica (15), o que não custa a aceitar, pois por enquanto só conhecemos as suas lucernas provenientes desta região.

(12) Luzón, *art. cit.*, p. 141.

(13) J. e A. Alarcão, *art. cit.*, p. 26.

(14) Luzón, *art. cit.*, p. 141 — A lucerna do Museu Arqueológico de Madrid foi encontrada nas minas e ordovesas do Cerro Muriano e a outra é pertença de Dona Joana Vázquez e procedente da mina «Poderosa» situada nas imediações de Campofrio.

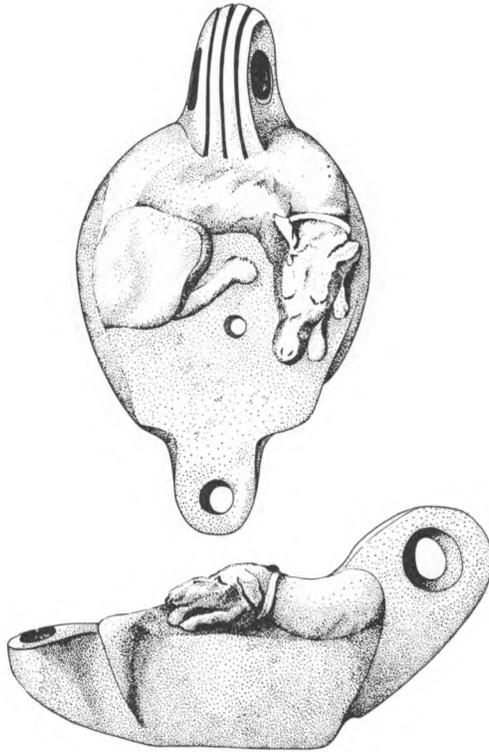
(15) Luzón, *art. cit.*, p. 141.

Consideramos as lucernas de Valdoca como dois exemplares de lucernas mineiras produzidas pelo oleiro L.I.R. e talvez não tenham sido os únicos a chegar às minas de Aljustrel. Delas deixamos este breve apontamento, aguardando que futuras escavações arqueológicas, realizadas em zonas mineiras, nos venham trazer mais elementos sobre o assunto.

CLAUDETTE BELCHIOR

(Página deixada propositadamente em branco)

Est. I



Escala 1 : 2



Com autorização do Museum of Fine Arts de Boston